

A IMPRENSA ALTERNATIVA BRASILEIRA NOS “ANOS DE CHUMBO”

Patrícia Marcondes de Barros¹

RESUMO: Neste artigo pretendo delinear algumas considerações sobre o papel importante da imprensa alternativa de cunho contracultural no período da ditadura militar no Brasil. Esta articulou forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizarem as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos a grande imprensa.

PALAVRAS-CHAVES: imprensa alternativa, ditadura militar no Brasil, contracultura.

THE BRASILAN ALTERNATIVE PRESS IN THE “LEADEN YEARS”

ABSTRACT: In this paper I intend outline some considerations about the importance of the alternative press of countercultural way in the military dictatorship period in Brazil. This one articulated strenghts equally compulsives: the desire of the lefts to be at the center of institutional transformations that propose and the search, by journalists and intellectuals, from alternatives places to a big press.

KEY-WORDS: alternative press, dictatorship military in Brazil, countercultural.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o ano de 1968 foi caracterizado pela intensificação da repressão militar devido às manifestações ocorridas, como: movimento estudantil, passeatas, oposição armada e rebeldia generalizada no mundo com a proliferação das idéias contraculturais. Entre os meios encontrados para a expressão livre das idéias, neste contexto, estavam a chamada imprensa alternativa designada também de *underground*, tropicalista, marginal, nanica, não-alinhada, emergente, poesia jovem, entre outros vocábulos com suas múltiplas conotações e contradições, usados genericamente como sinônimos perfeitos de produção literária independente. (Cf. MÍCCOLIS, 1986, p.61)².

A palavra “alternativa” vem de *alter*, que sugere alterações, mudanças. No dicionário *Aurélio* (cf. HOLANDA, 1986) significa algo que se contrapõe a interesses ou tendências dominantes. Corresponde também a algo que não está ligado a política dominante, a uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; a única saída para uma situação difícil e, finalmente, ao desejo das gerações dos anos 60 e 70 de protagonizarem as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI, 1991, p.XIII).

Entre 1964 a 1980, nasceram e morreram 150 periódicos alternativos³, que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar.

Kucinski afirma que:

(...)Nos períodos de maior depressão das esquerdas e dos intelectuais, cada jornal funcionava como ponto de encontro espiritual, como pólo virtual de agregação e

desagregação no ambiente hostil da ditadura. Pode-se traçar assim, uma demarcação entre imprensa convencional e imprensa alternativa no Brasil pelo seus papéis opostos como agregadores e desagregadores da sociedade civil, em especial, dos intelectuais, jornalistas e ativistas políticos. Conforme um raciocínio original de Elizabeth Fox, a imprensa alternativa pode até mesmo ser definida como uma forma de enfrentar a solidão, a atomização e o isolamento em ambiente autoritário (KUCINSKI, 1991, p. XXII).

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizarem as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa. É na dupla oposição ao regime representado pelos militares e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo, que se encontra o nexos dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos.

Uma das ramificações da imprensa alternativa é denominada de “nanica”⁴, inspirada no formato tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos. Foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa.

Esse tipo de jornalismo brasileiro do final dos anos 60 e início dos 70, recebeu influências da contracultura norte-americana e do *new journalism* ao abordar questões comportamentais e sociais com um “novo olhar”, aberto às

¹Prof. de Comunicação Social da Faculdade Assis Gurgacz. Especialista em História Social, Mestre em História Política e Doutoranda em História Política (Universidade Estadual Paulista - UNESP). É autora dos livros: *Panis et Circenses: A idéia de nacionalidade no Movimento Tropicalista* (Editora UEL, 2000 e *A Contracultura na América do Sol: Luiz Carlos Maciel e a coluna underground* (Editora Annablume, no prelo).

²“Alternativo, *underground* e tropicalista” são termos contraculturais lançadas pela primeira vez pelo jornalista Alberto Dines. “Marginal” é uma expressão com lastros culturais nos poetas e contistas “malditos” franceses e norte-americanos, reverenciando e dando status ao transgressor do sistema. No Brasil, uma antalogia de contos publicada pela Revista Extra Realidade Brasileira, intitulada *Escritores Malditos*, no ano de 1977, por João Antônio, entre outros, e uma matéria na Revista Escrita *A vez dos marginais*, reforçaram este tipo de marginalidade ideológica. (Cf. MICOLLIS, 1986, p.61).

³ Me refiro a imprensa alternativa que ganhou mais visibilidade e uma circulação mais ampla que outras centenas de iniciativas efêmeras.

⁴A imprensa nanica é caracterizada como uma das ramificações da imprensa alternativa, menor, em geral, mimeografada e artesanal. O termo foi inserido por João Antônio na Revista Realidade Brasileira, intitulada *Escritores Malditos*, em 1977. (IDEM, p.61).

transformações ocorridas no mundo em todas as instâncias. Surgem não apenas novos conteúdos abordados da forma advinda da “nova visão”, mas também no seu formato, na sua estética. Contrapunha-se aos padrões de objetividade do jornalismo tradicional americano e permitia o exercício da subjetividade e vivência das situações durante a própria reportagem.

Nos Estados Unidos, a disseminação do método *off set* (de impressão a frio) facilitou o surgimento da imprensa *underground* dos anos 50 e 60, permitindo pequenas tiragens a baixo custo, nas próprias gráficas dos grandes jornais, que passaram a oferecer o tempo ocioso de impressão para terceiros. No Brasil dos anos 70, esse método foi implantado pela editora Abril, que oferecia um sistema nacional de distribuição, estimulando o surgimento de jornais alternativos portadores de projetos nacionais a partir da tiragem de 25 mil exemplares. O objetivo não era o de abrir concorrência, o de grandes vendas, e sim, o de reduzir seus próprios custos operacionais, apontando para a natureza política e não mercantil dos jornais alternativos.

O modelo ético-político da imprensa alternativa consistia no repúdio ao lucro e, em alguns jornais, até mesmo o desprezo por questões de administração, organização e comercialização. Paradoxalmente, a insistência numa distribuição nacional antieconômica, a incapacidade de formar grandes bases de leitores-assinantes e certo triunfalismo em relação aos efeitos da censura contribuíram para fazer da imprensa alternativa não uma formação permanente, mas sim, algo provisório, frágil e vulnerável não só aos ataques de fora como às suas próprias contradições.

Segundo Bernardo Kucinski, a imprensa alternativa no Brasil dos anos 60 e 70 se dividia em duas classes. Uma consistia em jornais alternativos predominantemente políticos, baseados nos ideais de valorização do nacional e do popular nos anos 50, e, fundamentalmente, no marxismo, muitas vezes vulgarizado pelos meios estudantis dos anos 60, que transformavam os periódicos em manuais pedagógicos e didáticos de “revolução”.

A outra classe consistia na imprensa alternativa denominada de “existencial”, contracultural, criada por pessoas que rejeitavam a primazia do discurso militante e não se alinhavam com o discurso de setores ideológicos da esquerda tradicional.

Kucinski fala das principais influências sofridas pela imprensa alternativa existencial”, estereotipada por muitos como “jornal de costumes”:

(...) a crítica comportamental e a ruptura cultural tinham suas raízes nos movimentos de contracultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre que investiam contra o autoritarismo na esfera dos costumes e no alegado moralismo da classe média. (KUCINSKI, 1991, pp.XIX-XV)

Uma grande parte destas produções permaneceram no anonimato ou foi divulgado em círculos restritos. Contudo, mesmo sendo um trabalho consumido por minorias, oriundas da classe média, estava ligado ao surgimento de uma nova consciência de juventude, de caráter internacionalista, divulgada pelos meios de comunicação de massa e resultando numa

utopia vivida em vários pontos do planeta.

No Brasil, a imprensa contracultural se concentrava nos grandes centros urbanos como: Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Belo Horizonte, entre outros.

Um dos trabalhos pioneiros de divulgação das idéias contraculturais foi a **coluna *Underground*** (1969-1972), de Luiz Carlos Maciel, veiculada no semanário *Pasquim*, no Rio de Janeiro. Nesta coluna, Maciel apresentava textos, informações, sugestões e teorias estreitamente vinculadas à utopia iniciada pela geração *beat*, continuada nos anos 60 com os festivais de rock, os *hippies*, os movimentos *underground*, assim como os seus símbolos e os reflexos ocorridos no Brasil. E, como no Brasil essas agitações nunca tiveram a extensão do que ocorreu, principalmente nos Estados Unidos, a maioria dos textos era a respeito do que acontecia no exterior.

Nesse sentido, discutir os problemas de uma cultura dependente, num país capitalista e subdesenvolvido, não era a intenção da coluna, embora o problema não fosse ignorado, como bem mostra uma matéria intitulada “Questão Teórica”, publicada em 1970, na qual Maciel tenta colocar sua posição diante da contracultura norte-americana, o interesse em divulgá-la em outro contexto e os eventuais riscos dessa importação:

(...) Dizem eles que não existe manifestação superestrutural autêntica desligada da infraestrutura que lhe é própria. Dentro dessa ótica a contracultura é uma importação inútil. A estreiteza, segundo penso, reside no desconhecimento deliberado das complexas interações que existem hoje entre as diversas culturas nacionais, graças à eficiência dos modernos meios de comunicação de massa. O complexo colonial responde pela assimilação passiva, a-crítica, mas a influência estrangeira e os produtos culturais híbridos que ela gera, por piores que sejam, são inevitáveis.(...) acredito que, apesar de tudo, só as raízes nacionais podem propiciar energia e originalidade criadora a uma cultura. Absolutizar esse dado, porém, é dar uma de avestruz e enfiar a cabeça na areia. A influência estrangeira deve ser assimilada de forma crítica e só a compreensão, não a ignorância, vaidosa, torna a crítica possível (MACIEL, 1973,p.77).

No mesmo período entre 1968 a 1974, também com curta duração e funcionando num esquema precário de produção e distribuição, existiram alguns jornais com um sentido, verificável em nível do discurso por eles veiculado, muito próximo do trabalho pioneiro de Luiz Carlos Maciel na coluna *underground*, como: *A Flor do Mal*, *Rolling Stone*, *Bondinho* e *Navilouca*.

Nestes alternativos, houve a preocupação de veicular, discutir e experimentar textos estritamente ligados aos dados de emergência contracultural, assim como todos os símbolos a ela ligados à realidade política e social brasileira. Uma das marcas que surgem em grande parte das publicações é o **mis-ticismo**, como uma saída a ser também experimentada, com todos os decorrentes desvios em termos de apocalipse, discos voadores, mutantes, magias, cabalas, astrologias, alquimias e desígnios divinos.

Nesse caso, a crença messiânica funcionava como um alucinógeno para essa minoria de classe média que, num momento de ditadura política e ideológica (não por um acaso)

passava a enxergar “reinos” fora da História. A busca por êxtases através do sexo, das “viagens de mochila e de ácido” (desterritorialização), do misticismo, do hino universal da juventude- o rock-, e também da **orientalização** do mundo ocidental foi uma das respostas desta juventude hedônica, ansiosa em viver o “aqui e o agora” intensamente vividos. Em decorrência desse discurso houve uma difusão, na década de 60, da Yoga, da Macrobiótica (alimentação natural e equilibrada, sem alimentos quimicamente tratados), a Acupuntura e o *Do-In*, enquanto medicina sem uso de remédios ou cirurgias (medicina alternativa).⁵

O jornal *A Flor do Mal* fundado em 1971, pelos poetas Tito de Lemos, Torquato Mendonça, Rogério Duarte e Luiz Carlos Maciel contemplava poesias em verso, poemas em prosa e alguns textos considerados pelos menos familiarizados com o tema, absurdos:

O novo Cristo é o homem que se liberta de seu pai, imagem psicanalítica da autoridade, e com uma espada vai buscar o fogo do Olimpo para dá-lo aos homens. Mas ele não é punido como Prometeu. É Prometeu-Édipo o novo Cristo, com fígado intacto e olhos bem abertos, sem correntes, sem calvários ou crucificações. (Flor do Mal. Rio de Janeiro, O Pasquim, Empresa Jornalística, no.4, 1971).

Neste texto, intitulado *Pai, porque me abandonastes*, misturam-se as imagens proféticas e apocalípticas com a de um Cristo descristianizado, um Prometeu sem castigo, com a de um Édipo, liberado, resultando num santo guerreiro que busca a verdade, livre das repressões, da autoridade, da idéia de pecado.

Estas idéias de desrepressão desenvolvidas pelo discurso da imprensa contracultural ampliava o conceito de política, estendendo-a ao corpo, ao comportamento das pessoas, a questão sexual. A contestação era não apenas a organização social, mas também a organização espiritual.

Wilhelm Reich, Herbert Marcuse, Norman O. Brown e Norman Mailer foram contemplados na coluna *Underground* de Maciel que dedicou alguns artigos sobre esta temática, intitulado de *A Esquerda Pornográfica*. Esta chamada Esquerda Pornográfica, não tinha nada de pornográfica, ao contrário, pregava o sexo sadio, não distorcido pelos labirintos entre o consciente (princípio de realidade) e o inconsciente (o princípio de prazer)⁶. Só através de uma sexualidade sadia, de uma organização genital, poderia-se, mudar a sociedade, aniquilando as dualidades que o sistema impõe e que geram conflitos, e conseqüentemente as neuroses, as repressões.

A revista *Rolling Stone*, lançada em 1972 por Luiz Carlos Maciel e Gabriel O. Meara, com o mesmo título da similar americana teve como intuito não apenas divulgar informações acerca dos grandes astros da música *pop* internacional e nacional, como também de discutir sobre literatura, cinema, filosofia, comportamento, sexualidade, drogas, enfim, uma publicação voltada para a rebelião juvenil e o contexto da

contracultura. Inicialmente mensal, e depois de periodicidade semanal, persistiu até o trigésimo sexto número (a revista durou um ano) e podemos afirmar que foi a precursora da imprensa musical do país.

Na primeira edição, de fevereiro de 1972, traz na capa Caetano Veloso, que acabara de voltar do exílio em Londres em 1971. Na página 4, um texto de Maciel, saudando entusiasmado a volta de Caetano. No mesmo número, matérias sobre astros internacionais da música, como Alice Cooper, Edgard Winter, Carole King, Bob Dylan e Pink Floyd, uma sobre a apresentação conjunta de João Gilberto, Gal Costa e Caetano Veloso, num programa especial gravado pela TV Tupi de São Paulo, outra, assinada por Jorge Mautner, sobre cabelos, um símbolo muito forte de rebelião juvenil e, finalmente, duas a respeito de teatro, a primeira comentando sobre o trabalho de José Celso Martinez Correia e outra sobre o *Living Theater*.

O *Living Theater* foi uma das organizações artísticas que melhor caracterizaram o espírito da década de 60. O principal elemento contracultural verificado, era estabelecido pela relação entre o grupo. Essa relação perpassava o nível profissional, atingindo o pessoal, transformando-se com o passar dos tempos em uma comunidade (substituindo a idéia de família). A fama do grupo ganhou amplitude mundial, com a encenação da peça-símbolo da Contracultura, *Paradise Now* (“Paraíso Agora”), que propunha exatamente a libertação da repressão através da busca do prazer no momento presente (MACIEL, 1987). A passagem desse grupo teatral pelo Brasil no início da década de 70 foi registrada em vários jornais e revistas contraculturais da época.

A revista *Navilouca*, lançada em 1974, subintitulada “Almanaque dos Aqualoucos”, foi organizada e coordenada pelos poetas Torquato Neto e Waly Sairrlormoon, e teve propositalmente apenas uma edição. Graficamente muito bem elaborada foi uma produção totalmente diversa da precariedade e improvisação característica de outros alternativos, unidos pela proposta de linguagem artística nova e experimental, nos campos da poesia, cinema e artes plásticas. Reuniu artigos de nomes como Rogério Duarte, Duda Machado, Ivan Cardoso, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Hélio Oiticica e Lygia Clark, entre outros.

Na revista *Bondinho*, lançada em 1974, foram publicadas longas entrevistas, literalmente transcritas do gravador com artistas conhecidos (Caetano, Jorge Mautner, Maria Bethânia), assim como matérias relatando experiências como a do Grupo Oficina de Teatro, dirigido por José Celso Martinez Corrêa, quando da montagem do espetáculo *Gracias, Senhor*, o último trabalho do grupo antes de se retirar do Brasil. Nessa revista que circulou inicialmente como publicação interna de uma rede de supermercados, foram publicadas matérias referentes ao desbunde nacional, principalmente a experiência de Arembepe, uma praia da Bahia para onde se dirigiam os “*drop outs*” brasileiros, fascinados pelo local e pela possibilidade de viverem a utopia da felicidade, do prazer e da alegria. Soma-se a isso o fato de que, após a Tropicália, o exílio dos baianos em Londres e sua volta ao Brasil em 1971, a Bahia se tornou um

⁵ No Brasil, podemos citar nesta fase o surgimento de diversos restaurantes, de alimentação macrobiótica ou apenas natural, várias comunidades ou centros para a prática e a difusão dos ideais pacíficos da Yoga, assim como algumas experiências de comunidades rurais praticando a agricultura natural.

⁶ O princípio de realidade e o de prazer, são conceitos utilizados por Herbert Marcuse para designar o primeiro como sujeito consciente, *Thanatos* (princípio no qual o sistema se aliecerça), enquanto que o segundo seria o inconsciente, o *Eros* totalmente excluído do indivíduo. Dentro deste contexto, a estrutura instintiva do indivíduo é modificada (e isto se dá através de uma contingência histórica e não biológica), desviando toda sua energia sexual para o trabalho. (Cf. BARROS, 2002, p.154).

ponto obrigatório de referência, para onde se voltava a parte da juventude embarcada na utopia.

Por não ter limitação editorial, esquema comercial como as grandes empresas jornalísticas, e por estar voltado para as áreas mais avançadas da produção artística, da experiência existencial, veiculando dados numa linguagem visual e verbal em contraposição aos valores existentes, a revista não teve continuidade e passou a ser, graças a censura de *Ex-Bondinho*.

Todas estas iniciativas da imprensa contracultural elencadas formularam a partir de uma extensa teia de referências nacionais e estrangeiras a formação do discurso contracultural no Brasil. A luta pela produção e difusão independente da informação, desvinculando-a dos esquemas oficiais, comerciais e institucionais, já era, desde logo, um aspecto de luta ideológica, através das novas formas de linguagens, o caráter da experimentalidade que se estendia na poesia, nas artes plásticas, na música, no comportamento e conseqüentemente nas formas de ser, sentir e pensar de uma geração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Patrícia Marcondes de. *Panis et Circenses : a idéia de nacionalidade no Movimento Tropicalista*. Editora UEL, 2000.

_____. *A Contracultura na América do Sol: Luiz Carlos Maciel e a coluna Underground*. Editora Annablume, 2003 (prelo).

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

MARTINS, Fernando Araújo. *Pasquim : uma aventura jornalística*. Trabalho de conclusão de curso, 1997. Universidade

Estadual de Londrina / Departamento de Comunicação.

MÍCOLLIS, Leila. In *Cultura Alternativa*. Perspectiva Universitária. Rio de Janeiro, Fundação Mendes, 1983.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. Editora UNESP, 1993.

_____. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FONTES

MACIEL, Luiz Carlos. *Nova Consciência*. Jornalismo contracultural-1970-72. Rio de Janeiro, Editora Eldorado, 1973.

Jornais e revistas :

A Flor do Mal (Rio de Janeiro, 1971).

Rolling Stone (Rio de Janeiro, 1972).

Navilouca (Rio de Janeiro, 1974).

Bondinho (Rio de Janeiro, 1974).

Pasquim (Rio de Janeiro, 1968-1971)